

# Ageísmo: uma revisão integrativa da literatura em língua portuguesa

## *Ageism: a integrative review of portuguese language literature*

Diogo Henrique Helal\*  
Lauro Oliveira Viana\*\*

### Resumo

O artigo investiga como a produção acadêmica em língua portuguesa tem explorado o fenômeno ageísmo. A partir de pesquisa em duas bases de periódicos em língua portuguesa (SPELL e SCIELO Brasil e Portugal), foram encontrados 14 artigos, em que se analisou: i) o período da publicação, ii) nome dos periódicos, iii) área da CAPES que pertence, iv) Qualis do periódico. Foram analisadas, ainda, v) as autorias dos artigos, e vi) referências usadas. Os 14 artigos analisados foram publicados entre 2009 e 2019, em 10 diferentes periódicos, de estratos de alto impacto, com destaque para “Psicologia: Teoria e Pesquisa”, “Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia” e “Revista Análise Social” com 2 artigos cada, e “Revista Análise Psicológica” com 3 artigos. Os 14 artigos são de autoria de 34 autores, com destaque para Lucia França com dois artigos. Dos autores referenciados nos artigos, há dois grupos: brasileiros e americanos, sendo os nacionais, autores da psicologia, demografia e gerontologia, e americanos, autores da gerontologia, principalmente. O artigo apontou ainda quais são as obras mais vezes referenciadas, considerando os 14 materiais disponíveis nas bases pesquisadas. A realização de uma revisão sistemática da literatura em português sobre ageísmo apontou as lacunas e características da produção científica sobre o tema.

**Palavras-chave:** Ageísmo. Revisão Sistemática da Literatura. Língua Portuguesa.

---

\* Pós Doutor em Administração, pelo CEPEAD – UFMG, Doutor em Ciências Humanas, com concentração em Sociologia, pela FAFICH - UFMG; Pesquisador Associado 2 da Diretoria de Pesquisas Sociais (DIPES), da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ/MEC), onde é Coordenador Científico do Núcleo de Inovação Social em Políticas Públicas (NISP); Professor do Programa de Pós Graduação em Administração (PROPAD), da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil; Email: [diogohh@yahoo.com.br](mailto:diogohh@yahoo.com.br)

\*\* Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza, Doutorando em Administração pela Universidade Federal da Paraíba; Professor Titular da Universidade Federal do Piauí, Brasil; Email: [lauroviana@ufpi.edu.br](mailto:lauroviana@ufpi.edu.br)

## Abstract

This paper aims to investigate how academic production in Portuguese has explored the ageism phenomenon. Based on a search in two databases of journals in Portuguese (SPELL and SCIELO Brazil and Portugal), 14 articles were found, in which was analyzed: i) the period of publication, ii) name of the journals, iii) CAPES' area that belongs, iv) Qualis of the journal, v) the authorship of the articles, and vi) references used. The 14 articles analyzed were published between 2009 and 2019, in 10 different journals, of high impact strata, with emphasis on "Psicologia: Teoria e Pesquisa", "Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia" and "Revista Análise Social" with 2 articles each, and "Revista Análise Psicológica" with 3 articles. The 14 articles are authored by 34 authors, with emphasis on Lucia França with two articles. Of the authors referenced in the articles, there are two groups: Brazilian and American, the first one being authors of psychology, demography and gerontology, and Americans, authors of gerontology, mainly. The article also pointed out which references are most often cited. Conducting a systematic review of the Portuguese literature on ageism, in which it seeks to point out the gaps and characteristics of scientific production on the subject.

**Keywords:** Ageism. Systematic Literature Review. Portuguese language.

## Introdução

O envelhecimento da população mundial configura-se como um dos principais desafios do século XXI, inclusive para o Brasil. Nosso país, que sempre foi considerado um país jovem, está amadurecendo. Concorrem para isto aspectos como a redução das taxas de fecundidade e da mortalidade infantil, de um lado, e o aumento da expectativa de vida, de outro; consequências diretas dos avanços alcançados na área da saúde, que culminam em uma melhoria das condições de vida da população (KALACHE, BARRETO; KELLER, 2005).

O problema do envelhecimento se acentua quando se percebe que, enquanto na maioria dos países desenvolvidos o fenômeno vem ocorrendo de forma mais lenta e sustentável, no Brasil, ocorre em um período mais curto, portanto mais agressivamente (FRANÇA et al., 2013).

As estatísticas brasileiras revelam que a pirâmide etária começou a sofrer alterações em seu formato a partir dos anos 1960, quando o número de idosos era de aproximadamente 3 milhões. Tal contingente subiu para cerca de 7 milhões em 1975 e atingiu, em 2008, 20 milhões - um aumento de quase 700% em menos de 50 anos (VERAS, 2009). Aliado a isso, observa-se que a expectativa de vida do brasileiro atual já atinge 73 anos, e em 2050 será possivelmente de 81 anos (FRANÇA; SOARES, 2009).

De acordo com o IBGE (2018) a população brasileira tem mantido com passos largos a sua tendência de envelhecimento, o que levou a mesma a contar com mais de 30 milhões de idosos no ano de 2017. Em 2012, os sujeitos com 60 anos ou mais eram de 25,4 milhões neste país e houve um aumento de 18% nos últimos cinco anos. No que se refere a esse público, as mulheres possuem uma maior representatividade, correspondendo a 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens são 13,3 milhões (44% dos idosos).

Portugal é outro exemplo de país que tem mantido um forte ritmo de envelhecimento, de modo mais intenso que o Brasil, inclusive. Albuquerque e Ferreira (2015) afirmam que o país é um dos com maior ritmo de envelhecimento a nível mundial, em função de apresentar

baixas taxas de fertilidade e de mortalidade. “De acordo com o Eurostat, o raio de dependência de idosos em Portugal era de 26,7% em 2010 [...] e está projetado para 55,62% em 2050 [...]. A proporção dos indivíduos de 60-64 anos aumentará, enquanto que as categorias etárias anteriores diminuirão” (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2015, p. 240).

Convém destacar que esse conjunto populacional, apesar de agrupado nos registros demográficos, pode assumir diferentes concepções e estar reunido em distintas faixas etárias. Por exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece a população idosa de acordo com o nível sócio econômico dos países, estabelecendo seu início a partir dos 60 anos, se elas residem em países em desenvolvimento, e a partir dos 65 anos, se residem em países desenvolvidos. No Brasil, a Lei nº 8.842/94 que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, considera idoso todo aquele a partir de 60 anos, sendo esse o entendimento que será adotado neste projeto (CAMARANO; PASINATO, 2004).

Cumpra lembrar que, com o aumento da expectativa de vida, o número de trabalhadores mais velhos no país também tem se elevado, com maior participação na População Economicamente Ativa (PEA)<sup>1</sup>. O IPEA (2010) estimou que, no Brasil, em 2040, aproximadamente 57% da população em idade ativa terá mais de 45 anos. Dados da Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia indicam que o número de pessoas acima de 64 anos com carteira assinada passou de 484.000 em 2013 para 649.400 em 2017 (Agência Brasil, 2017).

Tal fenômeno tem levado a sociedade a repensar, de maneira geral, a velhice e os aspectos relacionados à proteção social e à aposentadoria (IPEA, 2013) e a vivenciar, com mais frequência, o ageísmo no contexto organizacional.

Para muitas pessoas da geração passada, o trabalho sempre foi central, o lazer foi pouco praticado ao longo da vida (FRANÇA, 2009), pois o trabalho era compreendido como o meio para garantir o usufruto do prazer no futuro, ou seja, na aposentadoria (LECCARDI, 2005). Entende-se, assim, que a mudança da vida de trabalho para uma vida sem a rotina laboral é difícil.

Além disso, a decisão pela aposentadoria é acompanhada por sentimentos contraditórios e ambivalentes (ROESLER, 2012), a possibilidade de ter mais tempo livre para viajar, para a família e para praticar atividades físicas; contrapõe-se ao receio dos outros o perceberem como um inútil, ocioso, além do medo de adoecer e de se afastar dos amigos de trabalho (FRANÇA, 2009; FRANÇA; SOARES, 2009).

É claro, portanto, que a visão negativa sobre o envelhecimento traz consequências também para o trabalhador idoso, sendo a principal, o ageísmo. Tal expressão ageísmo foi apresentada por Butler (1969; 1980), no final da década de 1960, nos EUA. O fenômeno foi entendido como um processo de estereotipar e discriminar pessoas em função da idade, com consequências, inclusive, para a contratação de pessoas, conforme indicam Abrams, Swift & Drury (2016), por exemplo.

Diante da importância do ageísmo no contexto organizacional e do próprio processo de envelhecimento populacional, especialmente no Brasil, este artigo busca responder, a partir

---

<sup>1</sup> De acordo com o relatório Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, do IPEA/MTE de fevereiro de 2013, em 2011 havia 6.309 mi de idosos no mercado de trabalho brasileiro.

de uma revisão sistemática da literatura, a seguinte pergunta de pesquisa: como a produção acadêmica em língua portuguesa tem explorado o fenômeno ageísmo?

Nesse sentido, o objetivo deste artigo foi investigar como a produção acadêmica em língua portuguesa tem explorado o fenômeno ageísmo. Buscou-se, assim, identificar tendências e lacunas na produção científica sobre o assunto. Especificamente, este artigo também objetivou: i) identificar e analisar, em duas bases de periódicos (SPELL e SCIELO Brasil e Portugal), os artigos publicados sobre ageísmo; ii) a partir dos resultados encontrados, analisar o período da publicação e em que periódicos tais artigos foram publicados, em que área da CAPES, e qual o Qualis correspondente do periódico; iii) analisar as autorias dos artigos encontrados, e, por fim, iv) analisar as referências usadas em cada artigo encontrado, buscando identificar quais são as obras e autores mais importantes utilizados nos estudos sobre ageísmo no Brasil e em Portugal.

## **Fundamentação teórica:**

### **Envelhecimento populacional:**

Em decorrência da variabilidade entre indivíduos de mesma faixa etária, de diversos aspectos, tais como idade funcional, (in)dependência física, (in)capacidade para administrar a própria vida e concepções e significados sobre o envelhecimento, considera-se que a velhice não segue um aspecto puramente cronológico. Assim, é possível encontrar na literatura especializada duas visões antagônicas sobre o envelhecimento (DEBERT, 2012):

a) A visão clássica sobre o envelhecimento preconiza que, mesmo sendo um processo biológico natural da vida humana, geralmente não se está muito preparado para aceitar a velhice. Parte-se do princípio de que esta etapa da vida carrega consigo uma baixa na autoestima, decorrente de uma fragilidade da saúde e de transformações anatômicas e funcionais, que trazem como consequência uma redução da qualidade de vida. Essa perspectiva, que ganhou força com o advento da Revolução Industrial, ao vincular a saúde física à capacidade laboral como instrumento de ganhos financeiros para os empregadores, ao mesmo tempo em que foi responsável por consolidar uma imagem negativa da velhice, através de um processo contínuo de decadência e perdas, proporcionou a legitimação de direitos sociais como a universalização da aposentadoria (DEBERT, 2012).

b) A visão contemporânea do envelhecimento, por outro lado, tem defendido que o avanço da idade pode ser convertido em uma espécie de “vida nova”, ao elevar a autoestima, manter relações sociais no ambiente de trabalho ou simplesmente preservar um sentimento de “utilidade”, repercutindo no prolongamento da vida laboral (DEBERT, 2012).

Em certa medida, essas visões se relacionam à própria definição de envelhecimento. De um lado, há uma concepção – velhice – que destaca os aspectos negativos; e de outro, há a noção de terceira idade, que enfatiza questões positivas, fortemente associadas ao consumo, dando uma falsa ideia de autonomia e independência (SILVA, 2008).

Considera-se, que a velhice deve ser encarada idiossincraticamente e que sua concepção deve extrapolar a esfera da saúde física, a fim de abarcar aspectos relacionados à condição social, emocional, intelectual, psicológica, valores culturais, satisfação com emprego

etc. Para evitar essas polaridades, ao mencionar no artigo, escolhe-se o termo “idoso”, com referência àqueles acima de 60 anos.

Apesar de se apresentar duas concepções sobre envelhecimento, a clássica ainda é prevalente em nossa sociedade, estando fortemente associada aos preconceitos associados à idade, aqui compreendidos como ageísmo. Importantes autores (PALMORE, 2001; NELSON, 2004), inclusive, consideram-no como a terceira forma de discriminação mais comum no Ocidente, ficando atrás apenas do racismo e do sexismo.

### **Ageísmo:**

Para Levy e Macdonald (2016) e Achenbaum (2015), o ageísmo é uma importante questão a ser estudada.

O presente de anos extras deve proporcionar tempo e oportunidades para crescer, valorizar laços, rever o significado da vida. Em vez disso, as pessoas mais velhas muitas vezes se encontram marginalizadas, o que diminui sua capacidade de contribuir (ACHENBAUM, 2015, p. 14).

O ageísmo<sup>2</sup> se refere essencialmente às atitudes que os indivíduos e a sociedade têm com os demais em função da idade, o que engloba o preconceito e os estereótipos formados (NELSON, 2011). Estudos indicam que tal fenômeno é frequente em organizações em vários setores e países (e.g. FRANÇA; VAUGHAN, 2008; KUNZE, BOEHM; BRUCH, 2010; LOTH; SILVEIRA, 2014).

Taylor e Walker (1998), em pesquisa com gestores de pessoas e diretores em grandes organizações inglesas, identificaram a presença do ageísmo. Os resultados do estudo indicaram que as atitudes negativas dos gerentes em relação aos trabalhadores mais velhos estão associadas à treinabilidade, retorno sobre o investimento, criatividade, cautela, capacidades físicas, probabilidade de ter um acidente e capacidade de interagir bem com os trabalhadores mais jovens.

Para o caso brasileiro, Cepellos e Tonelli (2017), após uma investigação com gestores de Recursos Humanos de empresas instaladas no Brasil, acerca dos profissionais com mais de 50 anos e das práticas de gestão de idade adotadas por suas empresas, identificaram que as práticas de gestão da idade são inexpressivas, ainda que a percepção dos gestores em relação aos trabalhadores mais velhos seja relativamente positiva. Consideram, por fim, que as empresas brasileiras não estão preparadas para o envelhecimento da força de trabalho.

De outra parte, Loth e Silveira (2014), por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais de uma grande organização brasileira no setor de energia, encontraram que os estereótipos frente ao etarismo podem ser observados de diversas maneiras pelos trabalhadores envelhecidos.

---

<sup>2</sup> Do inglês, *ageism*, também traduzido para português como etarismo.

Segundo Loth e Silveira (2014, p. 78),

Eles podem identificá-lo de maneiras positivas, como ao valorizar a experiência, maturidade etc. que o envelhecimento traz, ou de maneiras negativas, como ao observar as limitações de saúde, mobilidade etc. As duas qualidades não são excludentes, o que torna a percepção do indivíduo de si mesmo, muitas vezes, paradoxal.

Questões de gênero estão também associadas ao envelhecimento e ao ageísmo. Griffin, Loh e Hesketh (2013) lembram que homens e mulheres têm experiências de trabalho distintas, que impactam na decisão e no processo de aposentadoria, por exemplo. Cumpre lembrar ainda que o trabalho costuma ser mais central para o homem do que para a mulher e que tal diferença pode afetar a atitude frente a aposentadoria, por exemplo.

Chonody (2016), Spedale, Coupland e Tempest (2014) e Jyrkinen (2014) afirmam que há forte associação entre gênero e idade, quando se trata do ageísmo. Chonody (2016) considera, em especial, que o sexismo e ageísmo estão associados em um processo de preconceitos interligados.

Avançando sobre o tema, Malinen e Johnston (2013), a partir de um experimento que pesquisou o fenômeno com base em instrumentos auto-respondidos (técnicas “explícitas”) e instrumentos indiretos, para mensurar atitudes em relação a trabalhadores mais velhos, encontrou que o ageísmo tende a aparecer de modo mais implícito que explícito. Isso reforça a necessidade de se pesquisar o fenômeno de modo mais aprofundado, e não apenas a partir da aplicação de escalas de percepção. Questões como significados e experiências de ageísmo na percepção de idosos são relevantes, porém pouco estudadas (MINICHELLO, BROWNE; KENDIG, 2000).

Por fim, Ojala, Pietilä e Nikander (2016) afirmam que variações contextuais tem forte poder explicativo para a manifestação e compreensão do ageísmo. Para Ojala, Pietilä e Nikander (2016, p. 44): “as experiências e interpretações do ageísmo são estruturadas pelo contexto interacional em questão”.

## Procedimentos metodológicos:

Para a operacionalização desta pesquisa, elaborou-se um protocolo para a busca e sistematização da coleta de dados, apresentados na tabela a seguir:

Tabela 1 – Protocolo para busca e sistematização dos dados:

Bases de periódicos selecionadas	SPELL e SCIELO Brasil e Portugal
Data da pesquisa nas bases	16 de junho de 2020
Termos pesquisados	Ageísmo, etarismo, idadismo
Campos pesquisados nos mecanismos de busca	Título, resumo e palavras-chave

Fonte: os autores, 2020.

Como o propósito da pesquisa foi o de analisar a produção em língua portuguesa em periódicos científicos sobre ageísmo, optou-se por pesquisar em duas bases de periódicos: Spell e Scielo Brasil e Portugal. A primeira, por ser a base que contempla os principais periódicos brasileiros em Administração, e a segunda, por também ter abrangência no Brasil e em Portugal, e contemplar várias áreas do conhecimento, além da Administração.

Nesta revisão sistemática de literatura, buscou-se identificar e analisar, em duas bases de periódicos em língua portuguesa (SPELL e SCIELO Brasil e Portugal), os artigos publicados sobre ageísmo. Especificamente, a partir dos resultados encontrados, são analisados i) o período da publicação, ii) em que periódicos tais artigos foram publicados, iii) qual área da CAPES pertencem tais periódicos, e iv) qual é o Qualis correspondente do periódico. Foram analisadas, ainda, v) as autorias dos artigos encontrados, e, por fim, vi) as referências usadas em cada artigo encontrado, buscando identificar quais são as obras e autores mais importantes utilizados nos estudos sobre ageísmo no Brasil e em Portugal.

## Resultados e discussão:

A tabela 2 indica que há pouca produção de artigos sobre ageísmo no Brasil e em Portugal, sendo encontrados 02 artigos no SPELL e outros 12 no SCIELO, sendo 7 no SCIELO Brasil e 5 no SCIELO Portugal. Silva e Helal (2019), inclusive, já indicaram haver poucos estudos nacionais sobre o tema, notadamente no campo da Administração.

Tabela 2 – Número de artigos encontrados:

SPELL	02 artigos
SCIELO	12 artigos
Total de artigos encontrados	14 artigos

Fonte: os autores, 2020.

Estes catorze artigos encontrados estão apresentados na tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Artigos encontrados:

	Artigo (do mais recente para o mais antigo)	Base	Citações Google Acadêmico (em 04/07/2020)
1	SILVA, R. A., HELAL, D. H. Ageísmo nas Organizações: Questões para Debate. <b>Revista de Administração IMED</b> , 9(1), 187-197, 2019.	Spell	0
2	SCHUCK, L. M., ANTONI, C. Resiliência e Vulnerabilidade nos sistemas ecológicos: Envelhecimento e políticas públicas. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , 34, e3442, 2018.	Scielo Brasil	3
3	PEREIRA, D., PONTE, F., COSTA, E. Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. <b>Análise Psicológica</b> , 36(1), 31-46, 2018.	Scielo Portugal	7

4	FRANÇA, L. H. F. P., SIQUEIRA-BRITO, A. R., VALENTINI, F., VASQUES-MENEZES, I., TORRES, C. V. Ageísmo no contexto organizacional: a percepção de trabalhadores brasileiros. <b>Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia</b> , 20(6), 762-772, 2017.	Scielo Brasil	5
5	CASTRO, G. G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. <b>Galáxia</b> (São Paulo), (31), 79-91, 2016.	Scielo Brasil	12
6	DANIEL, F., ANTUNES, A., AMARAL, I. Representações sociais na velhice. <b>Análise Psicológica</b> , 33(3), 291-301, 2015.	Scielo Portugal	48
7	ROBERTO, M., FIDALGO, A., BUCKINGHAM, D. De que falamos quando falamos de infoexclusão e literária digital? Perspectivas dos nativos digitais. <b>Observatório</b> , 9(1), 43-54, 2015.	Scielo Portugal	19
8	LOTH, G. B., SILVEIRA, N. Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecetes. <b>Revista de Ciências da Administração</b> , 16(39), 65-82, 2014.	Spell	19
9	SÃO JOSÉ, J., TEIXEIRA, A. R. Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica. <b>Análise Social</b> , 210, 28-54, 2014.	Scielo Portugal	44
10	FULA, A., AMARAL, V., ABRAÃO, A. Que idade tem o trabalhador mais velho? Um contributo para a definição do conceito de trabalhador mais velho. <b>Análise Psicológica</b> , 30(3), 285-300, 2012.	Scielo Portugal	16
11	FRANÇA, L. H. F. P., SILVA, A. M. T. B., BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? <b>Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia</b> , 13(3), 519-531, 2010.	Scielo Brasil	41
12	GOLDANI, A. M. "Ageism" in Brazil: what is it? who does it? What to do with it? <b>Revista Brasileira de Estudos de População</b> , 27(2), 385-405, 2010.	Scielo Brasil	20
13	COUTO, M. C. P. P., KOLLER, S. H., NOVO, R., SOARES, P. S. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageísmo. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , 25(4), 509-518, 2009.	Scielo Brasil	42



---

14	COELHO, M. Z. P. Jovens no discurso da imprensa portuguesa: um estudo exploratório. <b>Análise Social</b> , 191, 361-377, 2009.	Scielo Portugal	14
----	---	-----------------	----

---

Fonte: os autores, 2020.

Considerando todas as posições, identifica-se 33 autores, dos quais 32 são diferentes autores nos 14 artigos, com destaque para Lucia Helena de Freitas Pinho França com duas publicações. Importante destacar a relevância e impacto destes artigos: dos 14 artigos encontrados, 10 possuem 10 ou mais citações no Google Acadêmico, e 4 deles, mais de 30 citações. Destes 4, 1 é da autora supracitada Lucia Helena de Freitas Pinho França.

Esses 14 artigos abordaram o ageísmo da seguinte maneira: Silva e Helal (2019), em um ensaio teórico, discutem as particularidades que circunscrevem o processo do envelhecimento, bem como as compreensões existentes acerca do sujeito idoso. Destacam, em particular, a inserção do idoso no mercado de trabalho, o ageísmo e suas consequências.

Schuck e Antoni (2018), em um estudo de caso com uma família, buscaram compreender os processos de resiliência e vulnerabilidade frente à situação de cuidado de um idoso acamado e a articulação das políticas públicas vigentes em saúde para idosos no Brasil. No caso estudado, o ageísmo aparece como fator de risco para o idoso.

Pereira et al. (2018) realizaram um estudo com 153 jovens universitários e 42 idosos, que identificou que quanto maior a atitude negativa frente ao envelhecimento, maiores são as atitudes negativa face à sexualidade na terceira idade. Estabeleceu ainda que, os preditores do idadismo foram a idade mais elevada e o menor contato diário com idosos.

França et al. (2017), por sua vez, trouxeram uma importante contribuição para o tema, ao elaborar a escala de ageísmo no contexto organizacional (EACO), trazendo evidências de validade da sua estrutura e investigando possíveis diferenças nos preconceitos contra trabalhadores mais velhos. Anteriormente, França et al. (2010) ressaltaram a importância dos programas intergeracionais para o combate do ageísmo, desenvolvendo atitudes que possam estimular a solidariedade e cidadania na sociedade contemporânea.

Castro (2016) propõe uma reflexão sobre o tema da velhice e do ageísmo (chamado no artigo de idadismo) no enquadramento das mídias audiovisuais, especialmente o cinema. Destaca-se na produção avaliada a velhice como desprezível e o ostracismo dos mais velhos no contemporâneo.

Daniel et al (2015) analisaram as representações da velhice junto a idosos e cuidadores, e os resultados indicaram uma prevalência de estereotipia idadista associando-se a velhice, em ambos os grupos, a atributos negativos como solidão, doença e dependência.

O foco do trabalho de Roberto et al (2015), por sua vez, foi a percepção quanto a desigualdade digital entre jovens e seniores. No estudo, identificou-se uma visão tecnológica funcional ancorada em percepções idadistas.

Loth e Silveira (2014) procuraram, por meio de uma pesquisa exploratório-descritiva, entender os estereótipos percebidos por “envelhecetes” no trabalho. Referendaram o apoio a políticas intergeracionais que promovam aproximação entre pessoas que estejam em diferentes estágios de vida.

O artigo de São José e Teixeira (2014) apontou o idadismo como um grande obstáculo para o envelhecimento ativo, sendo este um conceito com suporte teórico limitado, e sem correspondência com a realidade.

O estudo de Fula et al (2012) expõe a dificuldade de apontar de forma concreta qual a idade em que o sujeito é considerado um trabalhador mais velho. Explora a possibilidade de que este conceito é definido por uma linha imaginária que recuará no tempo de modo a proteger a autoestima e a autoimagem positiva do pesquisado.

Goldani (2010b) trata do ageísmo como parte do sistema de preconceito e discriminação no Brasil, diferenciando o conceito de ageísmo e de preconceito em si, e parte do pressuposto de que o ageísmo tem relação com as formas como as relações intergeracionais são estabelecidas.

Couto et al (2009), em um *survey*, identificaram os tipos predominantes de discriminação contra idosos que ocorrem no Brasil, bem como o nível de estresse que lhes está associado. Os resultados do estudo indicaram que os tipos de discriminação encontrados estavam associados aos contextos sociais e de saúde. Observou-se, contudo, que o nível de estresse apresentou baixa média, podendo indicar, segundo os autores, que a vivência de discriminação nem sempre se associa explicitamente ao estresse.

Cumprir destacar que Coelho (2009) é o único dos artigos cujo foco do ageísmo não é o idoso, mas os jovens, que em menor proporção também sofrem preconceito. O estudo se concentrou em como a mídia retrata os jovens em jornais e revistas em Portugal.

Por fim, é importante comparar os estudos realizados entre Brasil e Portugal. Ambos iniciam as publicações no mesmo ano. Contudo, nos últimos quatro anos observou-se maior publicação sobre o fenômeno em periódicos brasileiros: 5 brasileiros e apenas 1 português. Portugal emprega frequentemente os termos idadismo e etarismo, enquanto no Brasil se optou, em sua maioria, por aporuguesar o termo inglês *ageism*, para ageísmo.

Ambos países apontam o caminho de políticas intergeracionais como forma de reduzir este tipo de discriminação. Tal questão, entretanto, aparece de modo mais explícito na produção brasileira, como a que discute as políticas públicas voltadas ao envelhecimento populacional, particularmente em Schuck e Antoni (2018) e em França, Silva e Barreto (2010).

Nos dois países, há artigos retratando como a mídia expõe os estereótipos da sociedade. Em Portugal, Coelho (2009) discute o ageísmo contra jovens na mídia, enquanto Castro (2016) expõe como os idosos são retratados especificamente no cinema. Nestes artigos, são identificadas impressões e comportamentos negativos frente aos sujeitos estudados.

No Brasil, de modo mais presente que em Portugal, há artigos que discutem o fenômeno do envelhecimento e sua relação com o trabalho, com destaque aos estudos de França e colaboradores, que propõe, inclusive, uma escala para tal (SILVA; HELAL, 2019; FRANÇA et al. 2017; LOTH; SILVEIRA, 2014; FULA et al., 2012).

Tabela 4 – Número de artigos x periódicos:

Número de artigos	Título do Periódico	Área CAPES	Qualis Área CAPES
3	Análise Psicológica	Interdisciplinar	B1
2	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Psicologia	A1
2	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	Interdisciplinar	B1
2	Revista Análise Social	Sociologia	A1
1	Revista de Administração IMED	Administração	B3
1	Galáxia (São Paulo)	Comunicação	A2
1	Observatório	Interdisciplinar	B2
1	Revista de Ciências da Administração	Administração	B1
1	Revista Brasileira de Estudos de População	Demografia	A2

Fonte: os autores, 2020.

Estes 14 artigos foram publicados em 9 diferentes periódicos, com destaque para “Análise Psicológica” com 3 artigos e ainda “Psicologia: Teoria e Pesquisa”, “Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia” e “Revista Análise Social” com 2 artigos publicados sobre ageísmo em cada.

Sobre as áreas de publicação, observa-se que o fenômeno é tratado de modo interdisciplinar, sendo objeto de estudo em diversas áreas: Psicologia, Administração, Sociologia, Demografia e Comunicação. É importante observar que, apesar de ter-se encontrado apenas 14 publicações sobre o tema, estas ocorreram em periódicos de estratos de alto impacto: das 14 publicações, 13 foram em periódicos cujo Qualis (2013-2016) é B2 ou superior.

Tabela 6 – Ocorrências x Ano da publicação:

Ano	Número de publicações
2019	1
2018	2
2017	1
2016	1
2015	2
2014	2
2012	1
2010	2
2009	2

Fonte: os autores, 2020.

Quanto ao período de publicação, não se observou tendência, sendo encontrados 7 artigos nos últimos 5 anos, e a mesma quantidade em período anterior. Isso reforça a indicação de que o ageísmo é ainda um fenômeno pouco explorado academicamente, em língua portuguesa, nos últimos anos.

Importante mencionar que esses 14 artigos encontrados e analisados referenciaram o total de 888 autores, dos quais são 706 autores distintos. A tabela 6, a seguir, apresenta a frequência com a qual os autores foram referenciados nos diversos artigos.

Tabela 6 – Frequência com que os autores são citados:

Número de Referências	Frequência de citações
792	Autores referenciados apenas 1 vez
56	Autores referenciados 2 vezes
21	Autores referenciados 3 vezes
19	Autores referenciados mais de 3

Fonte: os autores, 2020.

Na tabela 7, apresenta-se os 11 autores que foram referenciados 4 ou mais vezes nos artigos analisados. Esses, em função da maior ocorrência nos resultados, são explorados com maior detalhamento, conforme se observa:

Tabela 7 – Autores com 4 ou mais referências:

Número de ocorrências	Autor	Área	País de atuação
13	França, L. H. F. P. – Lucia Helena de Freitas Pinho França	Psicologia Social	Brasil
9	OMS - Organização Mundial da Saúde	Saúde	Internacional
8	Levy, B. – Becca Levy	Gerontologia e Psicologia do Envelhecimento	EUA
7	ONU - Organização das Nações Unidas	Relações Internacionais	Internacional
6	Fiske, Susan T. – Susan Tufts Fiske	Psicologia	EUA
6	IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Demografia	Brasil
6	Pais, J. – José Machado Pais	Sociologia	Portugal
5	Butler, R. N. - Robert N. Butler *	Gerontologia	EUA
5	De Antoni, C. – Clarissa De Antoni	Psicologia	Brasil
5	Koller, Sílvia H – Sílvia Helena Koller	Psicologia	Brasil
4	Camarano, A. A. – Ana Amélia Camarano	Demografia	Brasil
4	Cuddy, A. J. C. – Amy Joy Casselberry Cuddy	Psicologia	EUA
4	Neri, A. L. – Anita Liberalesso Neri	Gerontologia	Brasil
4	Goldani, A. M. – Ana Maria Goldani	Demografia	Brasil
4	Palmore, E. B. – Erdman B. Palmore	Gerontologia	EUA

4	Siqueira-Brito, A. R. – Andreia da Rocha Siqueira-Brito	Psicologia	Brasil
4	Walker, A. – Alan Walker	Sociologia	Reino Unido
4	Instituto Nacional de Estatística	Demografia	Portugal

\* falecido

Fonte: os autores, 2020.

A tabela 7 reforça a interdisciplinaridade nas pesquisas sobre ageísmo, uma vez que os principais autores sobre o fenômeno não são de uma única área. Importante mencionar que ONU - Organização das Nações Unidas, IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, OMS - Organização Mundial da Saúde e INE - Instituto Nacional de Estatística produzem dados, estatísticas e documentos das mais diversas naturezas, portanto costumam ser referenciados para contextualizar certos fenômenos. Há predominância da abordagem do tema pela Psicologia, seguida pela Gerontologia e Demografia.

Dos autores referenciados, que estudam diretamente o fenômeno, há dois grupos majoritários: brasileiros e americanos, sendo os nacionais, autores da psicologia, demografia e gerontologia, e americanos, autores da gerontologia e psicologia, principalmente.

As principais referências nacionais em Psicologia são as professoras Lucia Helena de Freitas Pinho França, Silvia Helena Koller e Clarissa De Antoni. Em Demografia, são as professoras Ana Maria Goldani e Ana Amélia Camarano. Nos EUA, as principais referências são Becca Levy, Susan Tufts Fiske, Robert Butler, Amy Cuddy e Erdman Palmore. De Portugal, se destaca o autor Jose Machado Pais, e, do Reino Unido, Alan Walker.

Importante mencionar que foi Robert Butler o autor que apresentou o conceito de ageísmo (*ageism* no original) pela primeira vez em 1969. Chamou, logo no título do artigo, de outra forma de intolerância. Trata-se de um conceito seminal, ainda atual. Para Butler (1969, p. 243):

Ageísmo descreve a experiência subjetiva implicada na noção popular de diferença de geração. Preconceito dos de meia-idade contra os idosos. Neste caso, e contra os jovens em outros, é um sério problema nacional. Ageísmo reflete uma inquietação profundamente arraigada por parte dos jovens e meia-idade - uma repulsa pessoal e aversão a envelhecer, doença, incapacidade; e medo de impotência, "inutilidade" e morte (tradução nossa).

Mais adiante, em 1980, Butler retoma o conceito, desenvolvendo-o. Em princípio, aproxima-o do racismo e do sexismo (enquanto forma de discriminação). Indica, contudo, haver especificidades em seu significado (BUTLER, 1980, p. 8):

Existem três distinguíveis, mas inter-relacionados aspectos do problema do envelhecimento: 1) Atitudes pré-judiciais em relação idosos, com idade avançada e com o processo de envelhecimento, incluindo atitudes dos próprios idosos; 2) práticas discriminatórias contra os idosos, particularmente no emprego, mas em outras papéis também; e 3) práticas e políticas institucionais que, frequentemente sem malícia, perpetuam crenças estereotipadas sobre o idosos, reduzem suas oportunidades de vida satisfatória e minar sua dignidade pessoal.

Além de se analisar os autores mais referenciados, este artigo analisou quais foram as obras mais referenciadas. Aqui, buscou-se identificar as principais referências, nacionais e internacionais, nos estudos sobre ageísmo no Brasil.

Tabela 7 – Principais referências (em duas ou mais publicações):

Número de ocorrências	Referência
3	BUTLER, R. Ageism: a foreword. <b>Journal of Social Issues</b> , 36 (2), 8-11, 1980.
3	PALMORE, E. The ageism survey: First findings. <b>The Gerontologist Society of America</b> , 41, 572-575, 2001.
3	CUDDY, A. J. C., NORTON, M. I., FISKE, S. T. This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. <b>Journal of Social Issues</b> , 61, 267-285, 2005.
2	GOLDANI, A. M. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. <b>Educação e Sociedade</b> , 31 (111), 411-434, 2010.
2	CABRAL, M. V., et al. <i>Processos de Envelhecimento em Portugal</i> . Usos do Tempo, Redes Sociais e Condições de Vida, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.
2	LEVY, B. Improving memory in old age by implicit self-stereotyping. <b>Journal of Personality and Social Psychology</b> , 71, 1092-1107, 1996.
2	LEVY, B. Mind matters: Cognitive and physical effects of aging self stereotypes. <b>Journal of Gerontology: Psychological Sciences</b> , 58B, 203-211, 2003.
2	LEVY, B., BANAJI, M. Implicit ageism. In: T. Nelson (Ed.). <b>Ageism – Stereotyping and prejudice against older persons</b> . Cambridge: Bradford Books. 49-75, 2002.
2	FRANÇA, L. H., SOARES, D. H. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. <b>Psicologia Ciência e Profissão</b> , 29 (4), 738-751, 2009.
2	FERREIRA-ALVES, J., NOVO, R. F. Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. <b>International Journal of Clinical and Health Psychology</b> , 6, 65-77, 2006.
2	MINICHIELLO, V., BROWNE, J., KENDIG, H. Perceptions and consequences of ageism: Views of older people. <b>Ageing and Society</b> , 20, 253-278, 2000.
2	NELSON, T. Ageism: Prejudice against our feared future self. <b>Journal of Social Issues</b> , 61, 207-221, 2005.
2	PINQUART, M. Good news about the effects of bad old-age stereotypes. <b>Experimental Aging Research</b> , 28, 317-336, 2002.
2	SIQUEIRA-BRITO, A. R., FRANÇA, L. H. F. P., VALENTINI, F. Análise fatorial confirmatória da Escala de Ageísmo no Contexto Organizacional. <b>Avaliação Psicológica</b> , 15 (3), 337-45, 2016.

Fonte: os autores, 2020.

Estas podem ser consideradas as obras de referência atualmente sobre ageísmo, considerando-se, obviamente, sua obtenção, a partir da produção acadêmica em língua portuguesa.

Nesta lista, há obras seminais, que trazem o conceito de ageísmo e importantes resultados de pesquisa sobre o fenômeno como Butler (1980), Levy (1996, 2003), Levy e Banaji (2002) e Palmore (2001). Palmore se destaca pelo desenvolvimento do instrumento denominado *Ageism Survey*, amplamente utilizado para identificar o fenômeno do ageísmo, e utilizado como base para outros instrumentos que foram desenvolvidos posteriormente, como na obra de Siqueira-Brito et al (2016) e França et al (2017), que se referem à construção de uma escala de denominada EACO, voltada ao ageísmo em contexto organizacional.

As obras de Cuddy et al (2005) e Pinguart (2002), por sua vez, apontam como os estereótipos que existem na sociedade afetam a relação com os mais velhos. França é a principal autora sobre o fenômeno no Brasil, tanto ao discutir o efeito de Planos de Preparação para Aposentadoria no combate ao ageísmo, quanto na construção de uma escala para mensuração do fenômeno (EACO).

Por fim, obras como Cabral et al (2013) e Ferreira-Alves e Novo (2006) foram destacadas na produção acadêmica no contexto português, por discutirem o envelhecimento naquele país.

## Conclusões

Diante da importância do ageísmo no contexto organizacional e do próprio processo de envelhecimento populacional no Brasil, este artigo, a partir de uma revisão sistemática da literatura, procurou analisar como a Academia nacional tem explorado o fenômeno ageísmo, com vistas a identificar tendências e lacunas na produção científica brasileira sobre o assunto.

Identificou-se que há quatorze artigos publicados sobre o assunto, em duas bases de periódicos nacionais (SPELL e SCIELO) e que esses artigos foram publicados entre 2009 e 2019, indicando ser uma preocupação recente da Academia nacional.

A revisão sistemática de literatura apontou a publicação em 10 diferentes periódicos, de estratos de alto impacto, com destaque para “Psicologia: Teoria e Pesquisa”, “Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia” e “Revista Análise Social” com 2 artigos publicados sobre ageísmo em cada, além da “Revista Análise Psicológica” com 3 artigos.

Sobre as áreas de publicação, observou-se que o fenômeno é tratado de modo interdisciplinar, sendo objeto de estudo em diversas áreas: Psicologia, Administração, Demografia, Geriatria e Comunicação.

Considerando todas as publicações, identificou-se 35 autores, dos quais são 34 autores diferentes e o destaque para Lucia Helena de Freitas Pinho França com dois artigos.

Dos autores referenciados nestes 14 artigos, que estudam diretamente o fenômeno, há dois grupos, majoritariamente: brasileiros e americanos, sendo as nacionais, autoras da psicologia, demografia e gerontologia e americanos, autores da gerontologia, principalmente.

As principais referências nacionais em Demografia são as professoras Ana Maria Goldani e Ana Amélia Camarano. Em Psicologia, são as professoras Lucia Helena de Freitas

Pinho França e Silvia Helena Koller. Nos EUA, as principais referências são Becca Levy, Susan Tufts Fiske, Robert Butler, Erdman Palmore e Teri Garstka.

O artigo apontou ainda quais são as obras mais vezes referenciadas, considerando os 14 materiais disponíveis nas bases pesquisadas, chegando a uma lista de referências seminais e importantes sobre ageísmo.

Por fim, conclui-se que o tema ainda é pouco estudado em língua portuguesa e no Brasil, notadamente em Administração, sendo, portanto, necessária a realização de mais estudos, preferencialmente empíricos, que abordem facetas sobre este importante fenômeno, permitindo sua melhor compreensão e o desenvolvimento de ações que visem combater tal preconceito.

## Referências

ABRAMS, D.; SWIFT, H.; DRURY, L. Old and unemployable? How age-based stereotypes affect willingness to hire job candidates. **Journal of Social Issues**, v. 72, n. 1, p. 105-121, mar. 2016. <https://doi.org/10.1111/josi.12158>

ACHENBAUM, W. A. A history of ageism since 1969. **Journal of the American Society on Aging**, v. 39, n. 3, p. 10-16, 2015.

AGENCIA BRASIL. Participação de idosos no mercado formal de trabalho cresce 30% em cinco anos. **Economia**. 27 de junho de 2017. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-06/participacao-de-idosos-no-mercado-formal-de-trabalho-cresce-30-em-cinco>>. Acesso em: 24 março 2021.

ALBUQUERQUE, P.; FERREIRA, J. Envelhecimento, emprego e remunerações nas regiões portuguesas: uma análise shift-share. **EURE**, Santiago, v. 41, n. 122, p. 239-260, enero 2015. <http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612015000100011>

BUTLER, R. N. Age-ism: Another Form of Bigotry. **The Gerontologist**, v. 9, n. 4, p. 243-246, Dec. 1969. [https://doi.org/10.1093/geront/9.4\\_Part\\_1.243](https://doi.org/10.1093/geront/9.4_Part_1.243)

BUTLER, R. N. Ageism: a Foreword. **Journal of Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 8–11, Spring 1980. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x>

CABRAL, M. V.; FERREIRA, P. M.; SILVA, P. A. da; JERÓNIMO, P. G.; MARQUES, T. **Processos de Envelhecimento em Portugal**. Usos do Tempo, Redes Sociais e Condições de Vida, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. Introdução. In: A. A. CAMARANO. (Org.). **Os novos idosos brasileiros**. Muito além dos 60? IPEA: Rio de Janeiro, 2004, p. 1-22.



CASTRO, G. G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia**, São Paulo, v. 31, p. 79-91, jan./abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675>

CEPELLOS, V.; TONELLI, M. J. Envelhecimento Profissional: Percepções e Práticas de Gestão da Idade. **Revista Alcance**, Santa Catarina, v. 24, n. 1, p. 4-21, jan./mar. 2017. <https://doi.org/10.14210/alcance.v24n1.p004-021>

CHONODY, J. Positive and negative ageism: the role of benevolent and hostile sexism. **Affilia: Journal of Women and Social Work**, v. 31, n. 2, p. 207-218, May 2016. <https://doi.org/10.1177%2F0886109915595839>

COELHO, M. Z. P. Jovens no discurso da imprensa portuguesa: um estudo exploratório. **Análise Social**, Lisboa, n. 191, p. 361-377, 2009.

COUTO, M. C. P. P.; KOLLER, S. H.; NOVO, R.; SOARES, P. S. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageísmo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 509-518, Dec. 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000400006>

CUDDY, A. J. C.; NORTON, M. I.; FISKE, S. T. This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. **Journal of Social Issues**, v. 61, n. 2, p. 267-285, May 2005. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.1540-4560.2005.00405.x>

DANIEL, F.; ANTUNES, A.; AMARAL, I. Representações sociais na velhice. **Análise Psicológica**, Portugal, v. 33, n. 3, p. 291-301, 2015. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.972>

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Ed. USP: Fapesp, 2012.

FERREIRA-ALVES, J.; NOVO, R. F. Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, Portugal, v. 6, p. 65-77, 2006.

FRANÇA, Cristineide L.; MURTA, Sheila Giardini; NEGREIROS, João Luís; PEDRALHO, Marina; CARVALHEDO, Rochelly. Intervenção breve da preparação para aposentadoria. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 99-110, jun. 2013.

FRANÇA, L. H. F. P.; SOARES, D. H. P. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 738-751, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400007>

FRANÇA, L. H. F. P. Influências sociais nas atitudes dos 'Top' executivos em face da aposentadoria: um estudo transcultural. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 13, n. 1, jan./mar. 2009. <https://doi.org/10.1590/S1415-6552009000100003>

FRANÇA, L. H. F. P.; VAUGHAN, G. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 207-216, jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200002>

FRANÇA, L. H. F. P.; SILVA, A. M. T. B.; BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-531, dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>

FRANÇA, L. H. F. P.; SIQUEIRA-BRITO, A. R.; VALENTINI, F.; VASQUES-MENEZES, I.; TORRES, C. V. Ageísmo no contexto organizacional: a percepção de trabalhadores brasileiros. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 762-772, nov./dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.170052>

FULA, A.; AMARAL, V.; ABRAÃO, A. Que idade tem o trabalhador mais velho? Um contributo para a definição do conceito de trabalhador mais velho. **Análise Psicológica**, Portugal, v. 30, n. 3, p. 285-300, 2012.

GARSTKA, T. A., HUMMERT, M. L.; BRANSCOMBE, N. R. Perceiving Age Discrimination in Response to Intergenerational Inequity. **Journal of Social Issues**, v. 61, n. 2, p. 321-342, May 2005. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.1540-4560.2005.00408.x>

GOLDANI, A. M. Desafios do "preconceito etário" no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr./jun. 2010a. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200007>

GOLDANI, A. M. "Ageism" in Brazil: What is it? Who does it? What to do with it?. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 385-405, Jul./Dec. 2010b. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000200009>

GRIFFIN, B.; LOH, V.; HESKETH, B. Age, Gender, and the Retirement Process. In: MO WANG (ed.). **The Oxford Handbook of Retirement**. New York: Oxford University Press, 2013. <https://10.1093/oxfordhb/9780199746521.013.0083>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. 25 de Julho de 2018. Agência IBGE Notícias. **Estatísticas Sociais**. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. PNAD 2009 - Primeiras Análises: tendências demográficas [Internet]. **Comunicados do IPEA**, n. 64. Brasília, DF: IPEA; 2010. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5496](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5496)>. Acesso em: 4 jul. 2020.

IPEA. **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise. Min. do Trabalho e Emprego. n. 54, Ano 18 (fev 2013). Brasília: Ipea: MTE, 2013. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt54\\_completo1.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt54_completo1.pdf)>. Acesso em: 4 jul. 2020.

JYRKINEN, M. Women managers, careers and gendered ageism. **Scandinavian Journal of Management**, v. 30, p. 175-185, Jun. 2014. <https://doi.org/10.1016/j.scaman.2013.07.002>

KALACHE, A.; BARRETO, S. M.; KELLER, I. Global aging: the demographic revolution in all cultures and societies. In: M. L. JOHNSON (Ed.). **The Cambridge Handbook of Age and Ageing**. Cambridge: Cambridge United Press, p. 30-46, 2005. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511610714.005>

KUNZE, F.; BOEHM, S. A.; BRUCH, H. Age diversity, age discrimination climate and performance consequences – a cross organizational study. **Journal of Organizational Behavior**, v. 32 (sp. iss), p. 264-290, Dec. 2010. <https://doi.org/10.1002/job.698>

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200003>

LEVY, B. Improving memory in old age through implicit self-stereotyping. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, n. 6, p. 1092-1107, 1996. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.71.6.1092>

LEVY, B. Mind matters: Cognitive and physical effects of aging self-stereotypes. **The Journals of Gerontology: Psychological Sciences**, v. 58B, p. 203-211, Jul. 2003. <https://doi.org/10.1093/geronb/58.4.P203>

LEVY, B.; BANAJI, M. Implicit ageism. In: T. Nelson (Ed.). **Ageism – stereotyping and prejudice against older persons**. Cambridge: Bradford Books, 2002, p. 49-75.

LEVY, S.; MACDONALD, J. Progress on understanding ageism. **Journal of Social Issues**, v. 72, n. 1, p. 5-25, March 2016. <https://doi.org/10.1111/josi.12153>

LOTH, G.; SILVEIRA, N. Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecidos. **Revista de Ciências da Administração**, Santa Catarina, v. 16, n. 39, p. 65-82, ago. 2014. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n39p65>

MALINEN, S.; JOHNSTON, L. Workplace ageism: discovering hidden bias. **Experimental Aging Research**, v. 39, n. 4, p. 445-465, jul. 2013. <https://doi.org/10.1080/0361073x.2013.808111>

MINICHIELLO, V.; BROWNE, J.; KENDIG, H. Perceptions and consequences of ageism: views of older people. **Ageing and Society**, v. 20, n. 3, p. 253-278, May 2000. <https://doi.org/10.1017/S0144686X99007710>

NELSON, T. D. **Ageism**: stereotyping and prejudice against older persons. Massachusetts, EUA: MIT, 2004.

NELSON, T. D. Ageism: Prejudice against our feared future self. **Journal of Social Issues**, v. 61, n. 2, p. 207-221, May 2005. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00402.x>

NELSON, T. D. Ageism: The Strange Case of Prejudice Against the Older You. In: R. WIENER; S. WILBORN (Eds.), **Disability and Aging Discrimination**: perspectives in law and psychology. New York: Springer, 2011, p. 37-47. [https://doi.org/10.1007/978-1-4419-6293-5\\_2](https://doi.org/10.1007/978-1-4419-6293-5_2)

OJALA, H.; PIETILÄ, I.; NIKANDER, P. Immune to ageism? Men's perceptions of age-based discrimination in everyday contexts. **Journal of Aging Studies**, v. 39, p. 44-53, Dec. 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2016.09.003>

PALMORE, E. B. The ageism survey: First findings. **The Gerontologist Society of America**, v. 41, n. 5, p. 572-575, October 2001. <https://doi.org/10.1093/geront/41.5.572>

PALMORE, E. B. Research note: Ageism in Canada and the United States. **Journal of Cross-Cultural Gerontology**, v. 19, p. 41-46, 2004. <https://doi.org/10.1023/B:JCCG.0000015098.62691.ab>

PEREIRA, D.; PONTE, F.; COSTA, E. Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. **Análise Psicológica**, Portugal, v. 36, n. 1, p. 31-46, 2018. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1341>

PINQUART, M. Good news about the effects of bad old-age stereotypes. **Experimental Aging Research**, v. 28, n. 3, p. 317-336, nov. 2002. <https://doi.org/10.1080/03610730290080353>

ROBERTO, M.; FIDALGO, A.; BUCKINGHAM, D. De que falamos quando falamos de infoexclusão e literacia digital? Perspectivas dos nativos digitais. **Observatório**, Portugal, v. 9, n. 1, p. 43-54, 2015. <https://doi.org/10.15847/obsOBS912015819>

ROESLER, V. R. **Posso me aposentar de “verdade”**: contradições e ambivalências vividas no processo de aposentadoria de bancários. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2012.

SÃO JOSÉ, J.; TEIXEIRA, A. R. Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica. **Análise Social**, Lisboa, n. 210, p. 28-54, mar. 2014.

SCHUCK, L. M.; ANTONI, C. Resiliência e Vulnerabilidade nos sistemas ecológicos: Envelhecimento e políticas públicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, e3442, jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3442>

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, mar. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>

SILVA, R. A.; HELAL, D. H. Ageísmo nas Organizações: Questões para Debate. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 187-197, jun. 2019. <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2019.v9i1.3167>

SIQUEIRA-BRITO, A. R.; FRANÇA, L. H. F. P.; VALENTINI, F. Análise fatorial confirmatória da Escala de Ageísmo no Contexto Organizacional. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 337-345, dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2016.1503.06>

SPEDALE, S.; COUPLAND, C.; TEMPEST, S. Gendered ageism and organizational routines at work: the case of day-parting in television broadcasting. **Organization Studies**, v. 35, n. 11, p. 1585-1604, 2014. <https://doi.org/10.1177%2F0170840614550733>

TAYLOR, P.; WALKER, A. Employers and older workers: attitudes and employment practices. **Ageing and Society**, v. 18, n. 6, p. 641-658, nov. 1998. <https://doi.org/10.1017/S0144686X98007119>

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 548-554, jun. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009005000025>